



# ENTREVISTA

## DA UNIVASF PARA A BÉLGICA: CONVERSANDO SOBRE MESTRADO FORA DO BRASIL

POR: CAMILA SILVA DE LAVOR

Entrevistada: Msc. Ane de Souza Novaes

Breve resumo do currículo: Mestre em Ciências no Programa de Mestrado de Medicina Tropical - orientação em Ciências Biomédicas do Instituto de Medicina Tropical da Antuérpia, Bélgica. Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Vale do São Francisco em 2022. Foi aluna de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UNIVASF durante o período de 2018 a 2022 (e FACEPE em 2019-2020). Foi participante do Grupo de Pesquisa em Genética Animal Aplicada (GPGAA) UNIVASF entre 2018 e 2022. Também fez participação na Liga Acadêmica de Saúde e Biotecnologia (LASBTECH) UNIVASF, como Diretora de Comunicação entre 2019 e 2021. Desenvolveu o Trabalho de Conclusão de Curso em parceria com o Grupo de Pesquisa em Bioinformática do Instituto Aggeu Magalhães - FIOCRUZ/PE em 2022, grupo o qual faz parte atualmente. Tem interesse nas áreas de Genética Molecular, Biologia Molecular, Bioinformática e Virologia.

### **CAMILA: Você poderia descrever o processo de seleção para ingressar no mestrado?**

**ANE:** Eu soube deste mestrado pelo meu orientador do TCC, Antonio Mauro Rezende, pesquisador associado à Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), na metade de 2022. Neste período ele já tinha se mudado para a Bélgica para trabalhar como pesquisador visitante no Instituto de Medicina Tropical (ITM), na Antuérpia. No meu último semestre na UNIVASF, ele perguntou se eu tinha interesse em fazer o mestrado no ITM. Eu me inscrevi pelo site do Instituto (<https://www.itg.be/en>) no programa Master of Science in Tropical Medicine – Orientation Biomedical Sciences. O processo de seleção consiste em duas etapas: submeter a documentação no site e uma entrevista com os candidatos pré-selecionados. Os documentos que eles solicitaram foram: currículo, carta de motivação, histórico de notas, diplomas (e certificados) de formação acadêmica (e profissional), cópia do passaporte e um resumo do tópico do seu projeto de pesquisa (provisório). O certificado de proficiência em inglês é opcional.

Além dos documentos eles também solicitam o contato de duas pessoas de referência do seu trabalho e qual o tipo de financiamento que você vai utilizar ou se você vai solicitar a bolsa de estudos. Para solicitar a bolsa, basta assinar os formulários que também estão na plataforma de inscrição.

O processo é bem tranquilo e eu até diria que é mais fácil do que ser selecionado em um programa no Brasil, numa universidade federal. Porém tem uma diferença importante entre a Bélgica e o Brasil em relação à formação acadêmica. Na UNIVASF, por exemplo, minha graduação em Ciências Biológicas durou 4.5 anos, mas na Bélgica geralmente a graduação dura em torno de 3 anos e logo após o aluno escolhe entre seguir na academia e fazer mais um ano de mestrado ou fazer um outro curso. O mestrado no ITM é o que eles chamam de Masters after Masters (MAM), ou seja, um segundo mestrado para quem já é mestre. No meu caso, eles analisaram minha documentação (cursos da graduação e carga horária) também para avaliarem se eu estaria apta a ingressar neste curso como sendo o meu primeiro mestrado.

Com a documentação aprovada eu fui convidada para a entrevista. Na entrevista eles me pediram para responder um quiz com 4 perguntas sobre biologia molecular e perguntaram sobre minha motivação para ingressar no curso e sobre alguns conceitos do projeto que eu ia desenvolver no Instituto (eu já tinha recebido anteriormente a descrição do projeto que eu ia fazer parte e essas perguntas foram feitas pelo meu orientador no ITM, Koen Vercauteren). Sobre a bolsa de estudos, o ITM prioriza países subdesenvolvidos, o que não é o caso do Brasil. Somente algumas bolsas são disponibilizadas para países em desenvolvimento como o Brasil, e nesse caso pode ser um pouco mais acirrado a depender de quantos candidatos estão vindo destes países. Eu tive resposta sobre a bolsa de estudos só depois de algum tempo que fui aprovada no programa de mestrado. Minha bolsa foi financiada pela Johnson & Johnson, no valor de 1.200€ por mês. Deste valor, todo mês era descontado o valor do aluguel e o restante era depositado na minha conta de lá. O custo de vida na Bélgica é relativamente alto, mas comparado ao Brasil eu acredito que o valor que eu recebia dava para viver tranquilamente (definitivamente melhor do que um bolsista de IC no Brasil).

**CAMILA: Qual foi a sua principal motivação para aproveitar essa oportunidade?**

ANE: Desde o início da graduação eu já tinha vontade de fazer estágios fora da universidade e fazer mestrado fora do país, e isso foi algo que eu sempre falei com meus colegas e professores. Minha motivação foi puramente pessoal, de querer viajar e conhecer outros lugares, outros laboratórios e outras instituições. Digo isso porque, para mim, a motivação não nasceu de nenhuma insatisfação com as instituições que fiz parte no Brasil, nem por achar que a ciência brasileira fica atrás do que é feito lá fora. Sempre tive muito orgulho do trabalho que nós conseguimos realizar, mesmo sem incentivo e financiamento. Estudar fora do Brasil foi a realização de um sonho, acima de tudo.

**CAMILA: Quais foram os principais desafios que você enfrentou durante o período de mestrado?**

ANE: Sem dúvidas, a distância da minha família e amigos foi o maior desafio. Durante esse período a distância se apresentou de diversas formas, tanto na diferença de fuso horário que dificultava manter contato, quanto a sensação de solidão e impotência quando chegavam as notícias de casa. Por mais que eu já estivesse morando sozinha durante a graduação, não dá pra negar o quanto isso pesou em certos momentos. A forma como o curso foi organizado pra realizar o mestrado em um ano também foi bastante desafiador. A maior parte dos créditos do programa é voltada para os cursos que são ministrados em tempo integral, então a realização dos experimentos e o processo de escrita acaba sendo bem condensado e intenso. Fora isso, falar uma língua diferente, o clima frio e as diferenças culturais foram questões onipresentes durante todo esse período. Até agora não sei se posso dizer que me acostumei, mas foram também motivadores pra buscar novas versões de mim mesma para me adaptar a esse novo ambiente.

**CAMILA: Durante a graduação, você já tinha interesse em estudar fora do Brasil? Se sim, você se preparou de alguma forma para essa oportunidade, como por exemplo, fazendo aulas de inglês ou participando de projetos relacionados?**

ANE: Sim, meu interesse em estudar fora surgiu logo nos primeiros semestres da graduação, mas admito que não houve toda uma preparação. Eu sempre me interessei por inglês, então fiz um curso quando era mais nova e desde então me acostumei a assistir e ouvir muitas coisas na língua, então de certa forma ficou muito mais fácil pra entender. Em relação a falar, eu só fui de fato fazer um curso de conversação quando soube que teria uma entrevista como parte do processo seletivo, e eu continuei neste curso até depois de um tempo que já tinha iniciado o mestrado. Quando estava finalizando a graduação também surgiu uma oportunidade de visitar o grupo de bioinformática da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (através do meu orientador da UNIVASF, o professor João José de Simoni Gouveia), o que fez me sentir um pouco mais perto deste sonho de estudar fora por eles terem grandes parcerias fora do Brasil. Eu tentei uma conexão com a UFMG como opção para tentar algo fora do país antes de saber que as coisas tinham dado certo com o ITM.

**CAMILA: Quais conselhos você poderia oferecer aos alunos que desejam cursar um mestrado no exterior?**

ANE: A jornada de estudar no exterior é desafiadora, mas é acima de tudo, gratificante. Por mais que tenham momento difíceis, é importante ver isso também como uma motivação pro crescimento pessoal para além das conquistas acadêmicas. Para todos que tenham interesse, eu aconselho exercitar uma segunda língua, principalmente o inglês. É importante encontrar formas de manter esse exercício pois geralmente tudo acontece bem rápido quando surge este tipo de oportunidade. E, claro, é importante pesquisar sobre as instituições e o sistema de ensino do país que tem interesse em ir estudar, acompanhar as oportunidades e entrar em contato com pesquisadores da sua área de interesse para conhecer para possíveis orientadores e projetos que você pode fazer parte.

**CAMILA: Quais aspectos positivos você destacaria da experiência de estudar no exterior e da instituição de ensino em que esteve matriculado?**

**ANE:** Viver fora do país foi uma experiência mais do que enriquecedora. Eu tive oportunidade de conhecer lugares e pessoas incríveis de todas as partes do mundo, e cresci muito, profissionalmente. Eu aprendi técnicas e realizei experimentos que seriam, inicialmente, muito custosos de serem realizados no Brasil. O ITM é uma instituição muito voltada para questões de saúde pública ao redor do mundo e funciona também como uma clínica para prevenção e tratamento de doenças tropicais, então o público-alvo são profissionais de diferentes áreas da saúde, o que favorece a troca de experiências e amplia os horizontes para questões que não são discutidas no nosso cotidiano. Outra grande vantagem do Instituto é o suporte estudantil, principalmente para alunos não-europeus. Eles promovem uma série de atividades para integração dos alunos e turismo em outras cidades do país, promovendo uma experiência ainda mais engrandecedora do que apenas as aulas e experimentos no laboratório.

**CAMILA: Pode falar um pouco sobre a sua área de atuação, sobre os desafios e oportunidades que encontrou nessa área?**

**ANE:** Eu desenvolvi o projeto de mestrado no Departamento de Virologia Clínica trabalhando com sequenciamento metagenômico, com foco na detecção de arbovírus em amostras clínicas e de vetores. Esse projeto misturou experimentos laboratoriais e análises com bioinformática que eram completa novidade para mim. Acredito que o maior desafio foi aprender estas novas metodologias enquanto exercitava também uma coordenação mais autônoma do projeto, pela primeira vez na minha trajetória.

Ainda há muito para se explorar e desenvolver nesta área, o que me motiva a continuar desenvolvendo este projeto. Neste ramo eu vejo um grande potencial para desvendar novos aspectos dos riscos de transmissão e aplicar medidas de contenção e vigilância para os arbovírus no Brasil e outras regiões endêmicas. Os aspectos técnicos da metodologia deste projeto também abrem oportunidades para aplicações em diversas outras áreas, como já vem sendo explorado dentro da comunidade.

**CAMILA: Aqui finalizo nossa conversa. Muito obrigada, Ane.**